

**Resenha**

**Understanding digital humanities**

(BERRY, David M. (Org.). Basingstoke: Palgrave McMillan, 2012)

André Carlos MORAES<sup>1</sup>

A expressão “humanidades digitais” (“digital humanities”) tem sido usada para designar um campo emergente de pesquisa que busca investigar as temáticas das humanidades e ciências sociais com auxílio extensivo de recursos eletrônicos, principalmente computacionais. Não se trata apenas de adotar o uso de ferramentas digitais, mas, em alguns casos, de discutir metodologias e mesmo epistemologias. Envolvendo reflexões sobre o fazer científico tanto quanto novas estratégias de aproximação aos objetos de pesquisa, as humanidades digitais ainda lutam por conquistar reconhecimento e, principalmente, por se fazer compreender pelo público acadêmico, mesmo aquele que seja simpático às novas tecnologias. É neste esforço de se aproximar da comunidade de pesquisadores que se encaixa *Understanding digital humanities*, coletânea de artigos que reúne alguns dos principais autores que têm se dedicado à área.

Os primeiros ensaios trazem tentativas de sistematização do campo e relatos históricos sobre sua origem, inclusive mapeando a gênese do termo, inicialmente adotado por um grupo de pesquisadores da Universidade de Virginia, EUA, no final do século passado (BERRY, 2012, p.43). Também há artigos dedicados à discussão epistemológica, propondo compreender as diferenças entre as pesquisas convencionais e os métodos eletrônicos, inclusive aprofundando os motivos da resistência de alguns dos cientistas sociais e autores de humanidades.

De interesse específico para a área de Comunicação são os relatos de pesquisas implementadas. Há trabalhos, por exemplo, dedicados à análise de textos, que procuram usar algoritmos computacionais para extrair indicadores de um grande corpus (às vezes

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: andrecmoraes@uol.com.br

composto por milhares de documentos). Um dos estudos apresentados no livro executou este tipo de procedimento em amostras de jornais, fazendo comparativo com o trabalho executado por um pesquisador por métodos analógicos (idem, p.295). Embora sujeitos a questionamentos em diversos níveis, estes tipos de pesquisa têm consequências epistemológicas relevantes, já que questionam diferenças normalmente assumidas como dadas, tais como aquelas entre os métodos qualitativo e quantitativo.

Outros estudos fazem propostas de trabalho para a área de investigação ligada à cultura visual, que concentra, também, especial interesse para o campo de Comunicação. O austríaco Adelheid Heftberger (idem, p.210) faz um apanhado de pesquisas de humanidades digitais na área de cinema, incluindo tentativas de digitalizar acervo de cineastas clássicos e automatizar categorizações. O livro inclui um artigo de um dos maiores pesquisadores das *digital humanities* ligadas à cultura visual, Lev Manovich, da Universidade da Califórnia (idem, p.249), que liderou uma pesquisa que comparou um milhão de páginas de histórias em quadrinhos japonesas (mangás), colhendo automaticamente indicadores sobre estilo, técnica e contraste.

Algumas das experiências apresentadas discutem abertamente questões de pesquisa que se abrem especificamente em vista dos métodos computacionais, como a questão do “black boxing”, a opacidade técnica de alguns dos procedimentos. Envolvendo colaboração entre equipes de programadores e de cientistas sociais, alguns dos projetos de humanidades digitais relatam problemas como a falta de compreensão mútua das necessidades e tradições epistemológicas, o que acaba produzindo resistência e desestímulos. É o caso do projeto relatado pela britânica Yu-wei Lin (idem, p295).

A discussão sobre limitações técnicas e configurações epistemológicas se torna importante na medida em que o livro também relata a pressão, em centros de pesquisa internacionais, para que profissionais das humanidades se conformem a exigências vindas dos campos das *hard sciences*. Alguns dos autores relatam, por exemplo, que certas fontes de financiamento europeias passaram a adotar como requisito que fossem adotadas equipes e métodos amplos, numa espécie de transposição para as humanidades da chamada “*big science*” (como visto nos grandes projetos da Física ou da Saúde). Neste sentido, o emprego de técnicas de pesquisa para estender a uma dimensão quantitativa a investigação em humanidades seria uma forma de ajudar a atrair maiores recursos e mesmo assegurar a continuidade dos projetos na área.

Entre os artigos úteis para o cotidiano de pesquisa está um de Morgan Currie, da Universidade de Amsterdam (idem, p.224), que realizou uma extensiva análise sobre os padrões e polêmicas entre editores da enciclopédia aberta Wikipedia em torno de um tópico em especial (o feminismo). O ensaio também traz uma discussão sobre ferramentas de análise automatizadas disponíveis em código aberto, suas limitações e estratégias de uso e exposição. Como outros capítulos do livro, é um bom ponto de partida para quem esteja contemplando trabalhos com metodologias on-line.

Reunindo vários artigos e, portanto, uma diversidade de revisões bibliográficas, *Understanding digital humanities* ainda oferece uma oportunidade de mapear algumas vertentes teóricas representativas dos estudos recentes sobre novas tecnologias. Neste sentido, é também um bom guia para sistematizar trabalhos acadêmicos na área, independente de considerações metodológicas ou epistemológicas. Entre os teóricos cujos trabalhos merecem análises críticas estão referências como Friedrich Kittler, Wolfgang Ernst e Henry Jenkins, entre outros. Como decorrência da pluralidade geográfica dos autores, também é uma oportunidade para localizar fontes alternativas aos eixos francês e anglo-saxônico, costumeiramente referenciados em muitas pesquisas brasileiras.

Outro ponto interessante é que entre as discussões presentes no livro está a questão da aplicabilidade do conhecimento científico. O britânico Dan Dixon, da Universidade de Bristol, propõe pensar as humanidades digitais em termos da proposição epistemológica do *action design*, lembrando que esta é a dimensão em que se trabalha quando se busca algum grau de intervenção, diferente das proposições positivista, com sua meta descritiva e universalizante, e da crítica, com seu objetivo de análise, engajada ou não. Levar em consideração a dimensão aplicada das *digital humanities* é útil tanto para os interessados em estabelecer relações com setores produtivos da sociedade quanto para os que buscam a pesquisa pura, já que funciona como lembrete de que se trata de um campo no qual o pragmatismo tem peso às vezes determinante.

*Understanding digital humanities* seria uma leitura recomendável para estudantes e pesquisadores que estejam contemplando se dedicar a métodos computacionais ou investigar fenômenos on-line. Em anos recentes, o panorama das pesquisas de Comunicação no Brasil tem apontado um crescente interesse pelas pesquisas ligadas a redes sociais, jornalismo on-line e tecnologias de comunicação eletrônica, como o *e-book*. Também são frequentes os trabalhos que empregam algoritmos ou recursos telemáticos

tanto na análise quanto na coleta do corpus. Em vista deste interesse, é mais do que útil aprofundar referências, tanto para acompanhamento de técnicas e métodos já em avaliação quanto para a igualmente indispensável discussão epistemológica e mesmo filosófica sobre o conhecimento originado a partir daí.

Anote no caderno da pesquisa. Ou, para ficar no espírito, faça uma tag: #útil.